

Cultura e experiência, cotidiano e vulnerabilidade: uma análise das investigações sobre o fenômeno urbano na Sociologia Urbana e na História Oral no pós década de 1960

*Culture and experience, daily life and vulnerability: an analysis
of investigations on the urban phenomenon in Sociology
Urban and Oral History in the post 1960s*

Edmar Aparecido de Barra e Lopes

Palavras-chave:
Fenômeno urbano
Cotidiano
Vulnerabilidade

Resumo: As categorias de cultura e experiência, cotidiano e vulnerabilidade, em particular, a partir da década de 1970, situam-se no centro da problematização sobre os estudos urbanos. Nesse sentido, configuram-se como mediações fundamentais ao aprofundamento da sua renovação teórica e metodológica. O objetivo desse trabalho (construído com base em literatura especializada e interdisciplinar) é o de fazer um esforço de comparação, visando demonstrar como essas categorias têm contribuído para transformar as dinâmicas de dois campos disciplinares, em particular: a Sociologia Urbana (pós década de 1960) e a História Oral. Além de estimular relações de complementariedade entre esses e outras áreas das Ciências Sociais.

Keywords:
Urban phenomenon
Daily
Vulnerability

Abstract: The categories of culture and experience, daily life and vulnerability, in particular, from the 1970s onwards, are at the center of the problematization of urban studies. In this sense, they are configured as fundamental mediations for the deepening of its theoretical and methodological renewal. The objective of this work (built based on specialized and interdisciplinary literature) is to make an effort of comparison, aiming to demonstrate how these categories have contributed to transform the dynamics of two disciplinary fields, in particular: Urban Sociology (post 1960s) and Oral History. In addition to stimulating complementary relationships between these and other areas of Social Sciences.

Recebido em 28 de março de 2020. Aprovado em 14 de outubro de 2020.

Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a centralidade das categorias de cultura, experiência, cotidiano e vulnerabilidade, destacadamente a partir da década de 1970, no processo de aprofundamento da renovação teórica e metodológica dos estudos urbanos: em particular, na Sociologia Urbana (pós década de 1960) e da História Urbana². Para alcançarmos essa finalidade, demonstraremos, inicialmente, como esses campos formaram-se

e desenvolveram-se de maneira articulada e interdisciplinar, influenciados por diferentes tradições conceituais e discussões temáticas sobre cidade e urbanidade, que têm como pano de fundo o tenso debate entre dois enfoques (a cidade como processo e a cidade como variável independente), intensificados pela influência de ventos pós-modernos³ que, em décadas recentes, sopram sobre o processo de construção dessas áreas de pesquisa. Para tanto, nossa discussão está organizada em quatro partes.

* Professor adjunto da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) na Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiás - GO, Brasil. Pós-doutor em Ciências Políticas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP). Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP). Mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG-GO). Tem experiência nas áreas de História Social, Sociologia do Trabalho e Teoria Social. Na primeira, com ênfase em identidade e memória, cultura e cidade e movimentos sociais. Na segunda, com ênfase em teoria sociológica e sociologia do trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: mercado de trabalho, informalidade, precarização; reestruturação produtiva, flexibilização, emprego e desemprego, modernidade, trabalho e saúde docente. E-mail: ed.clio@hotmail.com.

Na primeira parte, *A cidade como processo e a cidade como variável independente*, procedemos a uma breve revisão da literatura, analisando algumas das principais discussões que têm pautado a emergência da História Urbana e da Sociologia Urbana enquanto áreas de conhecimento específicas no ocidente, particularmente a partir da segunda metade do século XX. A intenção é contrapor e diferenciar duas tendências de enfoque sobre o fenômeno urbano que têm marcado a constituição dessas duas áreas de conhecimento específicas: a ideia de cidade e urbanidade enquanto variável independente e a ideia de cidade e urbanidade como processo⁴ (GOMES; PINHEIRO, 2005).

Na segunda parte, *A cidade e o urbano: a influência de ventos pós-modernos*, demonstramos a emergência de abordagens pós-modernas que, a partir da década de 1970, pouco a pouco, e de forma geral, passam a influenciar o processo de conceituação e discussões temáticas sobre cidade e urbanidade na Sociologia Urbana e na História Urbana. Destacando ainda nesses dois campos algumas investigações emblemáticas desse novo paradigma interpretativo sobre a cidade e o urbano.

Na terceira parte, *A cidade e o urbano: contribuições teórica e metodológica a partir da História Oral*, buscamos analisar em que medida a História Oral, influenciada pela nova História Cultural, ao mesmo tempo em que se beneficia do atual quadro de crise das metanarrativas, também tende a se posicionar criticamente em relação ao modo como essas são, em geral, confrontadas pelo pós-modernismo. Nessa linha, oferece-se uma nova opção teórico-metodológica para os estudos sobre o urbano e a cidade (em particular), na qual assumem centralidade categorias como as de cultura, experiência⁵ e cotidiano⁶. Dessa forma, contribuindo para ultrapassar falsas antinomias presentes, tanto na Sociologia Urbana, quanto na História Urbana.

Na quarta parte, *Desafios comuns à História Oral e à Sociologia Urbana para os estudos do fenômeno urbano no início de século XXI e as contribuições da categoria “vulnerabilidade”*, desenvolvemos uma reflexão no sentido de demonstrar que os principais desafios que estão colocados para essas duas áreas de

conhecimento são, em muitos pontos, os mesmos, e que grande parte deles já estava colocada desde as últimas décadas do século XX. Também nessa parte, defendemos a necessidade de, tanto a História Urbana, quanto a Sociologia Urbana, conferirem papel privilegiado ao conceito de vulnerabilidade somado às categorias de experiência e cotidiano, como forma de buscarmos compreender criticamente a dinâmica das cidades neste início de século profundamente marcado pelo crescimento massivo de novas formas de vulnerabilidades e tipos de vulneráveis.

Na última parte, *Considerações finais*, sustentamos que, de forma geral, as contribuições para renovação dos estudos urbanos são marcadas por uma grande pluralidade teórica e metodológica, demonstrando os principais desafios colocados para os especialistas que se debruçam sobre tais objetos, sem deixar de discorrer sobre a complexidade de variáveis que envolvem o enfrentamento de cada um deles.

A cidade como processo e a cidade como variável independente

Nas últimas décadas, aumentaram muito os estudos sobre a cidade ou sobre temas relacionados à cidade na Sociologia e na Historiografia Brasileira, compondo um vasto painel de recortes marcado tanto pela busca interdisciplinar, pelo conhecimento empírico, quanto pela constante renovação teórica e metodológica.

No campo da Sociologia, de acordo com Barreira (2010) e Frehse (2012), registrou-se um importante acúmulo de reflexões sobre: desigualdades econômicas e políticas públicas; conflitos e movimentos sociais; violência, direitos e cidadania; habitação; entre outras. Sendo que essas reflexões encontraram nos espaços urbanos o verdadeiro palco de fatos sociais indutores de problemáticas sociológicas contemporâneas e teriam se beneficiado da virada sociológica ocorrida nos anos de 1970, na França.

Essas temáticas passam a caracterizar hegemonicamente o conjunto das investigações urbanas, particularmente a partir dos anos de 1980

(BARREIRA, 2010), já que, até então, conviviam-se com os estudos voltados para a questão agrária. Esses temas de pesquisas estão representados por autores, tais como: Barreira e Stroh (1983); Bonduki (1988); Cardoso (1983); Durham (1986); Jacobi (1982); Jacobi e Nunes (1983); Kowarick (1983); Kowarick e Brant (1976); Moisés *et al.* (1982); Rolnik (1986); Telles (1988); Oliveira (1994); Sader (1988); etc. Acrescentando que essas investigações – ao mesmo tempo – são expressivas das várias formas como a cidade é analisada nesse campo, num diálogo, em diferentes graus, direta e indiretamente, com representantes da Sociologia Clássica e/ou da Sociologia Contemporânea.

Sendo que, no Brasil, nessa passagem de século – agora consolidada – a nova Sociologia Urbana continua a se renovar, agregando novos temas e reflexões teóricas e metodológicas. Ao mesmo tempo, ora legitimando, ora problematizando determinados conceitos, tais como cidade e urbano; ora agregando, ora elaborando novas noções sobre os mesmos⁷.

No campo historiográfico, conforme têm apontado vários especialistas, como Bresciani (1992), observamos uma frequência de temas associados à ideia de cidade com desdobramentos sobre a compreensão da categoria urbanidade, tais como: a cidade e a questão técnica, em Pechman e Ribeiro (1996) e Sevcenko (1998); a cidade e a questão social, em Rago (1997) e Pesavento (2001); a cidade e a formação de identidades sociais, na perspectiva da burguesia em Cerasoli (2004) e Rodrigues (2010); e a nova sensibilidade burguesa sobre a cidade e a vida urbana dos indivíduos que vivem a experiência rica e complexa das novas metrópoles do século XIX, em Pechman e Kuster (2014), entre outros⁸.

Além disso, conforme observamos na Sociologia Urbana, um elevado volume de estudos historiográficos sobre cidade e urbanidade – no contexto marcado pela virada do século XX para o XXI – permite-nos constatar permanências, mas também rupturas, na constituição desse campo disciplinar (OLIVEIRA, 2002; RAMINELLI, 1997). São abundantes os novos esforços de pesquisa cada vez mais caracterizados pela interdisciplinaridade,

novos temas de pesquisa e inquietação teórico-metodológica⁹.

Importante observar ainda que, tanto no campo na Sociologia Urbana, quanto no da História Urbana, principalmente a partir da década de 1970, tem aumentado muito o número de estudos que sustentam concepções de cidade e urbanidade fundamentadas na representação de um presente descolado do passado (FREHSE, 2012). Dito de outra forma, autores que tentam estudar tais objetos como uma variável independente

Acrescentando que, na Historiografia, esse enfoque emergiu em décadas anteriores (em oposição a ideia da cidade como processo), representado principalmente por historiadores que analisavam a cidade e o urbano, enquanto entidade social *sui generis* ou como domínio específico *urban as a site*, abordagem presente originalmente – a título de exemplos – em autores como Schlesinger (1940; 1999) e Sennett e Thernstrom (1969)¹⁰.

Enquanto que na Sociologia essa abordagem surge ligada a uma corrente da ecologia humana representada por alguns membros da “Escola de Chicago”¹¹ que inauguraram a Sociologia Urbana. Em particular, por autores, tais como: Park (1928; 1952; 1967); Wirth (1967); Burgess (1923); William e Znaniecki (1918), entre outros. Cabendo destacar a grande influência que Simmel (1858-1918) exercera sobre essa “escola” com suas reflexões sobre vida mental e metrópole¹².

A cidade e o urbano: a influência de ventos pós-modernos

Demonstramos que olhares que concebem a cidade como processo têm influenciado tanto a Sociologia Urbana quanto a História Urbana e da Cidade desde o início da constituição desses campos, bem como várias abordagens associadas ao enfoque que encara a cidade como variável independente, que se opõe ao primeiro e está presente também desde os momentos iniciais de formação desses.

Procuramos expor agora que a tensão entre essas abordagens clássicas, que sempre perpassaram a dinâmica histórica da construção de tais áreas, é reconfigurada e ganha novo vigor principalmente

a partir de transformações observadas desde a década de 1970, com a difusão das ideias pós-modernas. Contexto no qual cresce o número de estudos urbanos influenciados por um pano de fundo caracterizado comumente na literatura especializada como crise da modernidade.

Trata-se de um momento histórico em que o debate sobre os estudos relativos ao fenômeno urbano¹³ figura recorrentemente marcado pelo: (a) descolamento em relação ao passado histórico; e (b) afastamento em relação à ideia de modernidade em diferentes áreas da Filosofia, Cultura e Ciência, como forma de contrapor-se fortemente aos modelos interpretativos totalizantes da modernidade há muito estabelecidos.

Devemos acrescentar também que cresce o volume das investigações em questão que evitam conceitos sobre a cidade e o urbano, resultantes de apropriações do ideário iluminista: cidade como palco por excelência das forças do progresso; cidade como lugar de possibilidades históricas de desalienação.

Enfim, é uma conjuntura na qual, no âmbito do processo de formação/transformação desses campos de estudos, avança a ideia de um presente que parece se configurar expulsando a ideia de futuro e de cidade como terra prometida ou esperança¹⁴, numa sociedade caracterizada pela fluidez e descartabilidade, pela alta mobilidade e individualismo exacerbado (BAUMAN, 2001). De outro modo, é apontada uma crise das metanarrativas: positivismo, materialismo histórico, psicanálise, etc. Assim, configura-se um quadro de emergência de questionamentos crescentes quanto às certezas identificadas como constitutivas e constituídas pela modernidade (GOMES, 2000), o que tem contribuído para alimentar a recorrência e persistência de novas ideias-núcleo sobre a cidade e o urbano.

Acrescentando que essas são ideias caras ao que se convencionou chamar de pós-modernidade, defendidas em várias áreas do conhecimento (conforme foi dito, mais expressivamente a partir das últimas décadas do século XX) por diferentes autores¹⁵, a partir de múltiplos posicionamentos político-ideológicos e com diferentes graus de desenvolvimento teórico-metodológicos.

No referido cenário de crise das ideologias e globalização neoliberal, a influência de olhares pós-modernos sobre as novas investigações relativas à cidade e ao urbano e/ou a temas associados a esses na Sociologia Urbana e na História Urbana¹⁶, tem se revelado de forma cada vez mais explícita, na medida em que conquistam espaço no conjunto de investigações recentes em tais campos. São formulações para as quais o presente nas cidades é essencialmente diferente do passado dessas, e os instrumentos conceituais elaborados no âmbito da modernidade para analisá-las, ultrapassados.

Na Sociologia Urbana, assim como nas Ciências Sociais, em geral, o pós-modernismo tem contribuído para sua transformação, sem deixarmos de reforçar que essas ciências tem uma dinâmica independente desse fenômeno. Esse paradigma, avesso a modelos explicativos característicos do hegelianismo, do positivismo, da Sociologia Clássica, do estruturalismo, etc., tem direta e indiretamente reforçado um movimento – já existente – de transformações teórico-metodológicas que essa grande área já experimentava, em particular, a partir da segunda metade do século XX.

Nesse contexto, observa-se, nesse campo de estudos, sob a influência do que crescentemente marcava a teoria social de então, um certo distanciamento de modelos interpretativos com alto grau de rigidez encontrados principalmente na Sociologia Clássica. E, conforme Deffacci (2012), ao mesmo tempo, a construção de modelos interpretativos da realidade social mais dinâmicos.

No bojo desse conjunto de mudanças, observamos a emergência de um pensamento pós-moderno sobre a cidade e o urbano, manifesto em várias análises nas quais é recorrente: a defesa da ausência do tempo marcada pela supressão da diacronia, bem como da cidade e do urbano enquanto complexo multidimensional (real, virtual, imaginário, simbólico, metafórico etc.), conforme Haesbaert (2009); colcha de retalhos, consoante Maffesoli (1996); lugar no qual espaço e tempo tornaram-se objetos de consumo visual, de acordo com Zukin (2000).

Nessa linha, Frehse (2012, p. 202) esclarece que, na Sociologia Urbana, esses ventos pós-modernos estão presentes, por exemplo, em

produções de diversas orientações metodológicas que: 1) são elaboradas com base no pressuposto “[...] de transformações “radicais” na estrutura social das cidades nas últimas décadas [...]” (SASSEN, 1991, p. 12); 2) sustentam “[...] um padrão absolutamente novo de consumo – “visual” – do tempo e do espaço” (ZUKIN, 2000, p. 81); 3) identificam muitas e profundas “[...] alterações nos ‘tempos, espaços e ritmos da experiência urbana’ a partir dos anos 1990 [...]” (TELLES; CABANES, 2006, p. 11).

Quanto à influência das ideias pós-modernas na História Urbana, vale destacar que elas têm impactado essas historiografias, assim como influenciaram a Sociologia Urbana e, de modo geral, a Historiografia Contemporânea, destacadamente a partir da década de 70. Fenômeno que ocorrera em outros campos da Arte, da Filosofia e da Ciência, e que, conforme sustenta Brandão (2014), resultou na maior crítica elaborada e já verificada sobre a modernidade enquanto paradigma e como projeto político eurocêntrico de colonialidade¹⁷.

Nesse sentido, Ankersmit (2001) argumenta que, para essa forma de escrita da História perpassada pelo paradigma da pós-modernidade: (1) o conteúdo é derivado do estilo, de outro modo, o reconhecimento da natureza estética da Historiografia; (2) as evidências não apontam para o passado, mas sim para interpretações do passado; (3) não existe nada na realidade histórica que corresponda estritamente ao conteúdo das interpretações; (4) é insustentável a ideia da essência do passado, pois esta não se encontra nesse; (5) é fundamental a crítica à epistemologia da doutrina historicista das ideias históricas; (6) a meta da História não deve ser mais a integração, síntese e totalidade, mas migalhas históricas; (7) é inevitável o crescimento da tendência à indiferença quanto à origem e contexto históricos como forma de evitar formas de legitimação da escrita histórica; (8) a ideia de que tudo tornou-se contemporâneo; (9) a lembrança tem prioridade sobre o que é lembrado; (10) o significado é mais importante que a reconstrução e a gênese; etc.

Nesse contexto de crise da modernidade em termos teórico-metodológicos, a História Cultural¹⁸ emerge na Historiografia mundial como uma

das grandes protagonistas do pensamento historiográfico contemporâneo, inclusive nos estudos sobre o urbano e cidade. Nessa linha, marcadamente, a partir dos anos de 1990, ganharam força investigações que se propõem a analisar o social, de modo geral, e múltiplos aspectos do fenômeno urbano¹⁹.

Assim, conforme Pesavento (1995), podemos compreender melhor as bases da emergência de novas investigações no campo da História Urbana que – em diálogo com as ideias pós-modernas e reservando lugar estratégico ao conceito de cultura – analisam a cidade tomando-a como: acúmulo de bens culturais (ARGAN, 1995, *apud* PESAVENTO, 1995); rede de significados socialmente estabelecidos (GEERTZ, 1981); conjunto de cenários, paisagens, narrativas, metáforas com capacidade de revelação/ocultação, tanto da realidade física, quanto simbólica da mesma (PECHMAN, 1994); “iluminação”, expressão no sentido bejaminiano (PETITDEMANGE, 1991); representação ou conjunto de representações (RONCAYOLO, 1990); sentidos conferidos aos espaços e sociabilidades urbanas atribuídos pelos produtores e consumidores da cidade (GINZBURG, 1987; 1990); conjunto de discursos ou imagens (MONTLIBERT, 1995); conjunto de representações do mundo social e que implicam em atribuições de sentidos em consonância com relações sociais e de poder (BOURDIEU, 1982); “floresta de símbolos”, “labirinto” (MOLES, 1984); etc.

A cidade e o urbano: contribuições teóricas e metodológicas a partir da História Oral

A crítica crescente relativa a explicações totalizantes nas Ciências Humanas, impulsionada – entre outros fatores – pela emergência das ideias pós-modernas, como analisado anteriormente, favoreceu a emergência de novas investigações sobre a cidade e o urbano, caracterizadas pela centralidade conferida à dimensão cultural e às

representações na construção do conhecimento sociológico e histórico.

Essa dinâmica também favoreceu a revisão/ampliação do conceito de fonte histórica e, no rastro dessa, a emergência da História Oral como alternativa teórica e metodológica para esses estudos e diversos outros realizados em várias áreas das Ciências Humanas. Sendo que tal forma de produzir conhecimento histórico ganhou ainda mais legitimidade, inclusive acadêmica, favorecida por um quadro de crise do capitalismo (a partir dos anos de 1970) e de transformações na divisão do trabalho que se refletiram no arrefecimento do crescimento urbano, na descentralização de políticas urbanas, no enfraquecimento de movimentos sociais e no fortalecimento dos poderes locais (TOPALOV, 1988).

Nesse contexto, encontramos, de forma crescente, análises marcadas por uma compreensão da cidade e do urbano na qual emerge a oralidade e/ou confrontos entre o oral e o escrito e a partir dos conflitos sociais entre diferentes segmentos e classes da sociedade. Assim, contribuindo para desafiar as limitações de análises que tendem a (re)produzir representações sociais construídas apenas a partir da “cidade das letras” (RAMA, 2015).

Nesse sentido, a História Oral, ao mesmo tempo em que se consolida enquanto contribuição para a renovação de análises tradicionais do urbano e da cidade (perpassadas por determinações estruturais e estáticas), também experimenta influências teóricas e metodológicas a partir de uma dupla determinação. De um lado, o conjunto de questionamentos e reflexões construídos tanto por autores críticos das ideias do pós-modernismo, quanto pelos arautos do mesmo. De outro, o ambiente histórico – no qual está inserida – caracterizado pelo crescimento de análises interdisciplinares que têm em comum a defesa do fenômeno urbano enquanto fenômeno cultural, produção social que não pode ser compreendida adequadamente se desvinculada de sua materialidade (CARPINTÉRO; CERASOLI, 2009).

Acrescentando que, no processo de renovação de tais investigações, conquistaram centralidade na História Oral as categorias de cotidiano, experiência e cultura, enquanto articulações estratégicas entre

as dimensões micro e macro, bem como entre agência e estrutura e, portanto, fundamentais para formulação de respostas críticas a “falsas antinomias” (BOURDIEU, 1979 *apud* ABREU, 2015) da teoria social, tais como: a) interpretação e explicação; b) estrutura e história; c) liberdade e determinismo; d) comunidade e sociedade; e) objetivismo e subjetivismo; etc.

Desafios comuns à História Oral e à Sociologia Urbana para os estudos do fenômeno urbano no início de século XXI e as contribuições da categoria “vulnerabilidade”

Iniciamos essa parte reforçando um reconhecimento amplamente presente na literatura especializada, qual seja, o de que a História Oral já superou o desafio, antes existente, em relação a outras disciplinas, tais como: a Psicologia e a Antropologia, a Etnologia e a Sociologia, a Geografia e a Demografia, etc. De outro modo, consolidou a imprescindível necessidade da interdisciplinaridade e da multidisciplinaridade.

Cabendo destacar, conforme Joutard (2000, p. 33), que o atual combate colocado para a História Oral nesse início de século XXI está em permanecer fiel à sua inspiração original: “[...] ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades ‘indescritíveis’, quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono [...]”. Balanço realizado na mesma linha de outras importantes expressões dessa forma de produzir conhecimento histórico, tais como: Thonsom (2000) e Portelli (2000); Meihy (2000); Meyer (2000) e Schwarzstein (2000); entre outros.

O que esses historiadores defendem como novo grande enfrentamento do qual deve se ocupar de forma estratégica a História Oral nesse início de século (particularmente para especialistas que se dedicam à História Urbana), dialoga de forma muito próxima à defesa da necessidade de abraçarmos “a vulnerabilidade”²⁰ como categoria sociológica – conforme encontramos em Oliveira

(1994) e Kowarick (2003; 2009)²¹ – enquanto olhar privilegiado para compreendermos a dinâmica de sua extensão nas cidades nos dias atuais, uma vez que tal situação:

[...] passa a englobar também estratos com níveis mais elevados de instrução e qualificação, trabalhadores especializados e quadros profissionais que até então trilhavam carreiras estáveis e previsíveis, num percurso protegido por direitos que lhes propiciava a ascensão econômica e social e uma forte presença no cenário político. Inicia-se uma situação de *vulnerabilidade* advinda do desemprego e da precarização do trabalho, rebaixamento de status e da perda de raízes ligadas à sociabilidade primária. Trata-se de grandes e variados grupos de “excluídos”, sobre os quais as ciências humanas produziram dezenas de investigações e inúmeras teorizações sobre essa sempre renovada questão social (KOWARICK, 2003, p. 2003).

Trata-se de um importante legado da Sociologia Urbana na mesma linha da História Oral recente, particularmente num quadro no qual as cidades mais e mais tendem a ser impactadas pela globalização periférica que impõe a lógica do mercado e promove a quebra dos laços da integração social, produzindo, como efeito, novos mecanismos de vulnerabilização sobre vastos e crescentes segmentos da população (RIBEIRO, 2004). Nesse cenário, tais contribuições tornam-se ainda mais importantes, já que vêm para reforçar a necessidade de ampliação de estudos empíricos e teóricos sobre a marginalidade e a exclusão, a pobreza e a miséria, de indivíduos que se encontram num processo de “desqualificação social” em massa (PAUGAM, 1991; 1993)²².

De outro modo, o exame pormenorizado realizado pelos referidos expoentes da História Oral quanto aos principais objetivos que tal campo deve perseguir no atual momento histórico, reforça e, ao mesmo tempo, é reforçado pela concordância crescente constatada no âmbito da Sociologia, bem como no da Antropologia, da Psicologia, da Geografia, etc., sobre o atual desafio comum que está posto para tais campos no que concerne às

investigações sobre o fenômeno urbano no início de século XXI.

Referimo-nos à urgência de se conferir visibilidade às narrativas de experiências individuais e coletivas relativas às diversas e crescentes formas de vulnerabilidade social (precarização do trabalho e desemprego, pobreza e violência, criminalidade e insegurança, favelização etc.) e, ao mesmo tempo, privilegiar análises construídas de modo a dar centralidade às representações de grupos, categorias e classes sociais que – no cenário atual de nossas cidades – experimentam amplos e diversos processos de vulnerabilidade socioeconômica e civil que conduzem ao que Castel (1995) chama de “vulnerabilidade em massa” e que Kowarick (2003) designa de processo de “descidadanização”, conjugado com uma dinâmica de crescimento de um “Estado penal” associado à retirada desse da economia e à redução de recursos para programas sociais, como analisa Wacquant (1999).

O que ocorre num contexto no qual o capitalismo parece ter completado uma triagem da humanidade, ao definir os que são “úteis” e os que são “inúteis”. Sendo que os últimos, nesse processo, passariam a ser considerados “supérfluos”. E, assim, a favelização e a precarização das condições de trabalho e vida nas cidades, especialmente de países em desenvolvimento, emerge como resposta para o “armazenamento” dessa “humanidade excedente” (DAVIS, 2006).

Considerações Finais

Encaminhando-nos para a finalização desse artigo, é importante destacar que o processo de renovação teórica e metodológica das investigações sobre o fenômeno urbano, nesse início de século, dá sequência a uma dinâmica que consolidou seus primeiros desenvolvimentos, principalmente, a partir das décadas de 1970 e 1980, como foi demonstrado em relação a Sociologia Urbana e na História Oral.

Dessa forma, reforçamos que essa mudança registrada em tais campos se desenvolveu até aqui de forma complexa e a partir de diversas influências, consolidando mais e mais o primado da experiência

e do cotidiano numa perspectiva histórica e cultural identificada em um expressivo conjunto de análises teóricas e empíricas que têm, assim, contribuído intensamente para estruturar novos caminhos analíticos sobre o urbano, a cidade e temáticas associadas.

Por um lado, como constatamos, as contribuições para renovação dos estudos urbanos são marcadas por uma pluralidade teórica e metodológica. Por outro lado, e articuladamente, os desafios colocados para os estudiosos que se debruçam sobre tais objetos não são poucos e nem simples, ao mesmo tempo que tendem a tornarem-se cada vez mais intrincados.

E, nesse sentido, podemos relacionar algumas necessidades, amplamente reconhecidas pela literatura especializada, tais como: (a) transpor limitações um ambiente acadêmico, no Brasil, que experimenta um momento político e econômico de profundas incertezas e de dificuldades de toda ordem para o processo de formação qualificada de novos cientistas sociais; (b) alcançar maior compromisso com o rigor analítico e com o estímulo ao desenvolvimento de investigações interdisciplinares, assim como com a necessidade de aprimoramento teórico e metodológico; (c) avançar no processo de descolonização dos estudos urbanos, bem como reforçar o desenvolvimento de análises afinadas com o enfoque da “cidade como processo”; (d) buscar romper com uma certa vocação isolacionista do Brasil – ainda influente – em relação à América Latina e estimular a estruturação de mais projetos de pesquisa realizados em equipe, visando superar o ensaísmo; entre outros.

Por fim, acreditamos que os caminhos possíveis para a realização de análises como a que construímos são inúmeros e todos – como em qualquer reflexão – pressupõem escolhas que, ao mesmo tempo, implicam em renunciar a outros debates. Nesse sentido, esse trabalho constitui apenas um desses caminhos de análise sobre o processo de renovação teórica e metodológica das investigações sobre o fenômeno urbano no âmbito de um expressivo acúmulo já realizado de investigações com propósito semelhante.

Notas

1 De acordo com Souza (2005, p. 62): “[...] considerado um dos maiores intérpretes da obra marxiana na França, Henri Lefebvre foi responsável pela primeira crítica as concepções derivadas da Escola de Chicago. Apoiando-se no quadro do materialismo histórico, foi o fundador da Escola Marxista Francesa sobre o urbano, de onde partiram os primeiros estudos de Manuel Castells e Jean Lojkin, entre outros. No conjunto das obras de Lefebvre (1968; 1970a; 1970b; 1999 etc.), a cidade aparece subordinada à lógica da reprodução do capital, enquanto seu cenário e suporte [...]”. Nessa linha, autores tais como Castells (1971; 1978 etc.) e Lojkin (1981, 1990, etc.), no pós-1968, figuram como protagonistas de um debate de perspectiva marxista que “[...] caracterizou-se, entre outros aspectos, por abrir uma frente de crítica aos fundamentos do pensamento sociológico predominante na época, especialmente à Escola de Chicago, por entender que essa vertente estaria reduzindo o tratamento da questão urbana aos aspectos exteriores do modo de produção capitalista, particulares, escamoteando, consciente e inconscientemente, a lógica do capital subjacente à dinâmica da composição urbano-industrial que havia sido anteriormente denunciada pelos clássicos Marx e Engels [...]” (SOUZA, 2005, p. 72).

2 Conforme Silva (2002), o principal marco da constituição da História Urbana como campo de conhecimento autônomo foi a constituição do Grupo de História Urbana, no âmbito da Universidade de Leicester (Inglaterra), liderado por H. J. Dyos, além da publicação periódica de *Urban History Newsletter*, a partir de 1962. Importante acrescentar que a definição do que seja História Urbana implica antes na delimitação do campo dessa e da história da cidade: uma tarefa complexa e sobre a qual não nos deteremos. Entretanto, de forma geral, Bresciani (1992 *apud* MONTEIRO, 2012, p. 107-108) afirma que “[...]múltiplas são as portas que se abrem para refletir sobre a cidade [...]. E que, é possível a partir dessa análise (se não definirmos claramente), indubitavelmente identificarmos [...] algumas das diferentes formas de abordagem da cidade na historiografia brasileira das décadas de 1990 e 2000 [...]”. Sendo que, nessa linha: “[...] uma primeira abordagem seria a questão técnica [...]. A segunda abordagem, a da questão social [...]. A terceira abordagem trata da formação de identidades sociais [...]. A quarta abordagem, a nova sensibilidade burguesa sobre a cidade [...]. Outro campo é o da pesquisa sobre cidade e fotografia [...]. Gostaria ainda de citar a novíssima vertente de trabalhos que abordam espaço e memória, os lugares de memória no espaço urbano, bem como aqueles que discutem a questão do patrimônio urbano como formas de compreender a cidade como um local de aprendizagem da história e da trajetória de uma sociedade no tempo [...]” (BRESCIANI, 1992 *apud* MONTEIRO, 2012, p. 108-109).

3 De acordo com Froehlich (2010, p. 630): “[...] A atitude dita pós-moderna, o pensamento pós-moderno ou o pós-modernismo são os termos aplicados às mudanças ocorridas nas ciências, artes e sociedades tecnologicamente avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o Modernismo (1900-1950) [...]”. Tal como esse autor, defendemos que: “[...] para os fins deste artigo, não diferenciamos pós-modernidade, pós-modernismo, pós-moderno, [...], embora informados das suas nuances e implicações [...]” (FROEHLICH, 2010, p. 637).

4 A concepção da ideia da “cidade como processo” (bem como a ideia de urbanidade), é representada por historiadores a exemplo de Hobsbawm (1971), Perrot (1992), Claude-Perrot (1992), apenas para citar alguns, que a compreendem como observatório privilegiado dos fatos sociais na modernidade (GOMES; PINHEIRO, 2005).

5 Encontramos em Barreira (2010) a defesa de que a noção de experiência, deve muito às fontes de renovação do marxismo por meio de Thompson (1979). Autor que sustenta a análise de que o fazer-se da classe social não está associado a um destino político, mas sim, a uma construção histórica permanente tecida na luta cotidiana. Nesse sentido, Moraes e Muller (2003) sustentam que a categoria de experiência é formulada em Thompson (1981): “(...) em sua articulação com a de cultura” (MORAES; MULLER, 2003, p. 337). Acrescentam que, em *The Poverty* (1979), “[...] Thompson oferece importantes esclarecimentos sobre a relação entre experiência e cultura [...]”. Ressaltam também “[...] que no quadro de seu materialismo histórico, o *conhecimento* de classe seria impossível sem a compreensão das *experiências* que emergem dos confrontos entre classes em função também das diferenças entre as várias culturas, políticas, religião, valores, convenções [...]” (MORAES; MULLER, 2003, p. 338, grifo do autor). Os mesmos destacam “[...] que a experiência e cultura são articuladas por Thompson (1979) constituindo ambas um ponto de junção entre estrutura e processo, entre as determinações objetivas do ser social e a possibilidade do agir e da intervenção humanos [...] são “conceitos de junção” (*junction-concepts*) [...]” (MORAES; MULLER, 2003, p. 339).

6 Segundo Certeau (1996, p. 31 *apud* DURAN, 2007, p. 118): “[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente [...]. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior” [...]. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...]. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’, ou dessa ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont: “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...]” (CERTEAU, 1996, p. 31).

7 Frehse e O’Donnell (2019, p. 1) constata a continuidade da força e riqueza dos: “[...] novos

investimentos das Ciências Sociais, sobretudo da Sociologia e da Antropologia, na produção de um olhar analítico sobre as cidades [...]”; a partir do final do século XX e início do XXI. Tal verificação resultou num dossiê, no qual as autoras produziram um balanço representativo dos novos temas e problemas do campo de estudo em questão, a partir da produção de um “grupo de trabalho que a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) abrigou por seis anos (entre 2007 e 2012) [...]” (2019, p. 1), além de contribuições reunidas “[...] no âmbito de discussões travadas em dois grupos de trabalho e um seminário temático [coordenados pelas autoras] nos encontros anuais da Anpocs de 2014, 2015 e 2016 [...]” (FREHSE; O’DONNELL, 2019, p. 4). A acolhida de novos temas e o permanente diálogo e renovação dos estudos sobre cidade nas Ciências Sociais estaria demonstrado, segundo essas, sobretudo pela recorrência de pesquisas discutidas nesses grupos ou seminários de trabalho (respectivamente, GTs e STs), particularmente a partir de 2002.

8 Sem deixarmos de lembrar o seminal trabalho da própria Bresciani (1985).

9 De acordo com Oliveira (2002), os novos desafios sobre cidade e urbanidade no âmbito historiográfico, na passagem do século XX para o XXI, estão representados pela emergência de vários novos temas, a saber: a) cidade como lugar de transeuntes (o que indica o sentido efêmero da vida urbana nos dias de hoje); b) cidade e sua materialidade edificada (sua dimensão simbólica); c) cidade e construção de identidades num contexto de globalização (marcadas por fortes transformações de tradicionais referências espaciais temporais); d) cidade, globalização e transformações social, política e padrões de organização espacial; e) cidade e novas configurações entre patrimônio urbanístico; f) cidade, história e memória; g) cidade e o esvaziamento de tradicionais formas de representação; h) cidade, violência e crime organizado; i) cidade, corpo e afetos; j) cidade e lazer; l) cidade e imagem; etc. Análise semelhante encontramos em Carpintéro e Cerasoli (2009), ao trazerem informações dos programas de Pós-Graduação em História, autorizados e avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – Capes, a partir de 1992 e do Diretório de Grupos de Pesquisa, desenvolvido e gerenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

10 Para uma análise mais detalhada sobre as origens da História Urbana, consultar Silva (2002) sobre os marcos e discussões que têm pautado a emergência da História Urbana como uma área de conhecimento específica.

11 Segundo Coulon (1995), podemos compreender o que se convencionou denominar de Escola de Chicago como uma corrente heterogênea de pensamento, mas com muitas características que foram capazes de conferir uma grande unidade e distinção à mesma na Sociologia americana. Esse autor também destaca que a Escola

de Chicago pode ser entendida como um conjunto de trabalhos de pesquisas sociológicas produzido entre 1925 e 1940, por professores e estudantes da universidade em Chicago.

12 Conforme Ferreira (2000, p. 103 *apud* SANCHIS, 2011, p. 01). “A influência de Simmel foi grande para a Escola de Chicago, por sua sensibilidade cosmopolita, seu enfoque microsociológico (ainda que não tenha feito pesquisas empíricas) e por uma interpretação da cultura que privilegia o jogo dinâmico entre *estruturas simbólicas identitárias* e forças de alteridade”.

13 Segundo Oliven (2010, p. 08): “[...] procurando elaborar um conceito do fenômeno urbano, Weber (1966; 1967) analisou vários tipos de cidades que existiram no passado. Ele mostrou as diferentes origens destas cidades e enfatizou a importância do mercado para seu desenvolvimento [...]”. Marx (1975; 1987, p. 10), por sua vez, continua: “[...] assinalou que uma economia urbana requer um processo prévio de divisão social do trabalho. No caso das cidades da Europa Ocidental da Idade Moderna isto significou o desenvolvimento de um novo padrão de exploração, não mais através de um sistema de estamentos feudais mas através de classes sociais [...]”. E, finalmente, acrescenta que “[...] por mais fundamentais que sejam as divergências entre Marx e Weber, é importante ter em mente que ambos analisaram a cidade historicamente e mostraram de modos diferentes que na tradição ocidental a cidade tem sido o ponto de convergência de diferentes processos [...]” (MARX, 1987, p. 11).

14 Num esforço de relacionar essas noções centrais nos limites desse debate, sem com isso pretender esgotá-las, podemos citar: (1) a centralidade conferida à fragmentação e segmentação socioespacial (SOJA, 1994); (2) o aumento do interesse sobre heterogeneidade e diferença, o desenvolvimento de olhares sobre a sociabilidade perpassados pela ideia de compressão do tempo-espaço e a emergência de uma sensibilidade cada vez mais subordinada a dinâmicas marcadas pelo velocidade e pelo esvaziamento no âmbito da lógica do mercado (HARVEY, 1994); (3) o crescimento de estudos que procuram em compreender a onipresença dos não-lugares (AUGÉ, 1994); (4) a ampliação de reflexões sobre esferas éticas associadas a formas de afetividades plurais e a variedade de análises sobre a estetização da violência (LIPOVETSKY, 2005); (5) o lugar privilegiado assumido por investigações sobre sentimentos de nostalgia, melancolia e impotência (GIDDENS, 2002); (6) a relevância assumida por pesquisas sobre nomadismo e identidade (BAUMAN, 2005); (7) a proliferação de reflexões sobre processos nos quais as tradições são engolidas eternamente pelo novo (HARTOG, 2012); (8) o avanço de esforços que constatam um cotidiano no qual se avolumam experiências marcadas pela falta de profundidade cultural e pela crise da historicidade num mundo espetacular em que a imagem se sobrepõe e assume primazia em relação à própria coisa (JAMESON,

1997), incluindo transformação do espaço e do tempo em objetos de consumo visual (ZUKIN, 2000); (9) a multiplicação de olhares sobre cidade e o urbano como palco por excelência de simulacros e simulação (BAUDRILLARD, 1991); (10) a nova dinâmica das incertezas e dos riscos na contemporaneidade (BECK, 2010); entre outros.

15 Importante atentarmos para o que destaca Shinn (2008, p. 57-58), ao afirmar que: “[...] Existem alguns pensadores sociais que continuam os vínculos com a modernidade, que evitam os pós-modernistas e cuja reflexão e remodelação da modernidade, entretanto, convergem com tanta proximidade para o pensamento pós-moderno, que eles poderiam, de fato, ser classificados como pós-modernos mais ou menos desviantes [...]”. Sendo que, nessa linha, tal autor classifica, por exemplo: Beck (1994); Latour (2003); Lash (1993); Lash e Friedman (1990); Giddens (199).

16 Esforço que constatamos, conforme Deffacci (2012), na produção de autores como: Bauman (1999); Touraine (1970); Lyotard (1998); Maffesoli (1988); Schütz (1979); Claus Offe (1989); Habermas (1987); Giddens (1997); Certeau (1996), entre outros.

17 Segundo Grosfoguel e Mignolo (2008 *apud* BRANDÃO, 2014, p. 34): “[...] O conceito de colonialidade remete às formas de assujeitamento que se seguiram ao fim da colonização. Os processos de independência política e econômica não foram seguidos de uma independência dos modos de pensar, sentir, ser [...]”. Sendo que: “[...] A ciência, a filosofia e as artes são hoje consideradas por uma crítica pós-colonial ou decolonial como grandes dispositivos de colonialidade da epistemologia ocidental moderna” (GROSFOGUEL; MIGNOLO, 2008 *apud* BRANDÃO, 2014, p. 35).

18 Alguns expoentes da mesma são: Hunt (1992); Baczko (1985); Chartier (1990); Boutier e Julia (1998) e Burke (2008).

19 Segundo Vainfas (1997), a história cultural envolve historiadores com posturas muito diferentes, tais como: 1) A história da cultura praticada pelo italiano Carlo Ginzburg (1991); 2) A história cultural de Roger Chartier (1990); 3) A história da cultura produzida pelo inglês Edward Thompson (1987). No que concerne a esse último, principalmente, sua obra sobre movimentos sociais e cotidiano das classes populares na Inglaterra do século XVIII.

20 Ao analisar a vulnerabilidade socioeconômica e civil, de modo esquemático, Castel (1991, p. 153 *apud* KOWARICK, 2003, p. 73) afirma que: “[...] o modelo formal está apoiado em dois eixos, um de caráter econômico, e outro, social, representados pelas trajetórias, respectivamente, do emprego estável e regular para modalidades de trabalho precário até atingir a situação de desemprego, e da plena inserção na sociabilidade primária – família, vizinhança, comunidade –, marcada por sólidas redes sociais ao

retraimento do universo domiciliar/pessoal, definido pela fragilização das relações. Daí surgem quatro zonas: de *integração*, caracterizada por garantias de um trabalho permanente e por relações sociais sólidas; de *vulnerabilidade*, que conjuga precariedade no trabalho e fragilização da sociabilidade primária; de *assistência*, que revela um quadro no qual várias formas de subsídio público se tornaram imprescindíveis para não ocorrer uma dinâmica de desligamento social e econômico; e, por fim, de *desfiliação*, que significa não só desemprego, mas também perda das raízes forjadas no cotidiano do trabalho, do bairro ou da vida associativa [...]. Acrescentando que, “[...] atualmente a zona de integração se fratura, a zona de vulnerabilidade está em expansão e alimenta continuamente à zona de desfiliação [...]”. Ou ainda que a partir do início de 1990: “[...] a questão social metamorfoseia-se de ‘anormais incapazes’ para ‘normais inúteis’ [...]” (DONZELOT, 1996, p. 59 *apud* KOWARICK, 2003, p. 70).

21 Ver também, a respeito, o ótimo artigo de Barreira (2010).

22 Kowarick (2003, p. 70-71), relaciona alguns autores importantes que têm discutido essa renovada questão social associada a tal dinâmica. Analisa que o primeiro ponto: “[...] diz respeito à desnecessidade desses grupos para as dinâmicas econômicas”. Cito apenas alguns autores: Jaques Donzelot e Philippe Estebe (1991, p. 26) falam em “normais inúteis”, Robert Castel (1991, p. 154; 1993, p. 145), em “desestabilização dos estáveis”; Serge Paugam (1991, p. 6) alude ao “descrédito” que se abate sobre os que estão à margem; Vincent Gaujelac e Isabelle Leonetti (1994, p. 4) sublinham a percepção de “inferioridade”, de “identidade de ferida”; Viviane Forrester (1997, p. 38) exagera acerca da “normalização da anulação social”; enquanto Pierre Bourdieu (1993, pp. 487- 498), em magnífica obra coletiva, descreve o sofrimento físico e mental decorrente da extrema pobreza e nos revela o que significa “viver por um fio”. Finalmente, há a temática referente à perda das identidades advinda do desenraizamento familiar e comunitário, à queda da participação em associações recreativas, sindicais e partidárias, processos que conduzem à apatia e ao isolamento em um cenário social e político marcado pela diminuição dos conflitos abrangentes, fragmentação dos atores sociais e diluição de interesses coletivos. É nessa acepção que Jacques Donzelot e Philippe Estebe (1991, p. 27) referem-se às “não-forças sociais, esta classe de desclassificados”, Robert Castel (1995, p. 427) acentua a “ausência de perspectivas para controlar o futuro”, e Pierre Rosanvallon (1995, p. 203) dirá: “os excluídos constituem, de fato, quase que por sua própria essência, uma não-classe [...]”.

Referências

ABREU, Cesaltina. A lógica da distinção em Pierre Bourdieu, vista através de uma obra

excepcional. **Mulemba** [Online], v. 5, n. 10, não paginado, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mulemba/2195>. Acesso em: 17 dez. 2019.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ANKERSMIT, Frank. Historiografia e pós-modernismo. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 113-135, mar. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v2n2/2237-101X-topoi-2-02-00113.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

AVILA, Arthur Lima de. Tradução e apresentação: O significado da História Frederick Jackson Turner. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p.191-223, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a08v24n1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. Enciclopédia Einaudi 5: Anthropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Cidade, atores e processos sociais: o legado sociológico de Lúcio Kowarick. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 149-159, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000100011. Acesso em: 29 nov. 2019.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo; STROH, Paula. O movimento dos desempregados nas ruas: uma prática fora de tempo e lugar? **Espaço e Debates**, ano III, v. 1, n. 2, p. 33- 47, 1983. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n72/v25n72a11.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade líquida:** entrevistado por Maria Lúcia Garcia Palhares-Burke. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BONDUKI, Nabil. Crise da habitação e a luta pela moradia no pós-guerra. *In:* KOWARICK, Lúcio (Org.). **As lutas sociais e a cidade.** São Paulo: passado e presente. São Paulo: Paz e Terra/Cedec/UNRISD, 1988, p. 95-131. Disponível em: https://issuu.com/cidadeaberta/docs/nabilbonduki_crise. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **La Distinction.** Critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire.** Paris: Fayard, 1982.
- BOURDIEU, Pierre (org.). **La misère du monde.** Paris: Le Seuil, 1993.
- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos:** campos e canteiros da história. Trad. Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1998.
- BRANDÃO, Ludmila. Da cidade moderna às contemporâneas: notas para uma crítica do urbanismo modernista. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 247- 271, jan./jun., 2014. Disponível em: <http://www.pppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/316>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BRESCIANI, Maria Stella. Permanência e ruptura no estudo das cidades. *In:* FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras (orgs.). **Cidade e História.** Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992. p. 11- 26. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1264.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles, as faces do monstro urbano. **Revista Bras. de Hist.** São Paulo, v. 8/9, p. 37-54, 1985. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635293>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BURGESS, Ernest. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. *In:* PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de ecologia humana:** leituras de Sociologia e Antropologia Social. 2ª edição. Tomo I. São Paulo: Livraria Martins Editora, [1923] 1970. p. 353-368.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2 ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CARDOSO, Ruth. Movimentos sociais urbanos: balanço crítico. *In:* SORJ, Bernardo; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de (Orgs.). **Sociedade e Política no Brasil pós-64.** São Paulo: Brasiliens, 1983, p. 313-350.
- CARPINTÉRO; Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI; Josianne Francia. A cidade como história. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15672/10413>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- CASTEL, Robert. De l'indigence à l'exclusion, la sésaffiliation: précarité du travail et vulnérabilité relationnelle. *In:* DONZELOT, Jacques (Org.), **Face à l'exclusion le modèle français.** Paris: Esprit, 1991. p. 145-175.

- CASTEL, Robert. **Les métamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat**. Paris: Fayard, 1995.
- CASTELLS, Manuel. **Problemas de investigación en sociología urbana**. México: Ed. Século XXI, 1971.
- CASTELLS, Manuel. **City, class and power**. Londres: Macmillan, 1978.
- CERASOLI, Josianne Francia; CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. A cidade como história. **História**. Questões e Debates, v. 50, p. 61-101, 2009. Disponível em: <http://docplayer.com.br/36984938-A-cidade-como-historia-the-city-as-history.html>. Acesso em: 19 out. 2019.
- CERASOLI, Josianne Francia. **Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX**. 2004. 423f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CLAUDE-PERROT, Jean. Rapports sociaux et villes au XVIII siècle. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Orgs.). **Villes & civilisation urbaine XVIII-XX siècle**. Paris: Larousse, 1992, p. 46-60.
- COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.
- DEFFACCI, Fabricio Antônio. Cotidiano e pós-modernidade: novos rumos da teoria social contemporânea. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá**, n. 5, p. 41-54, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/575>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- DONZELOT, Jacques. “L’avenir du social”. Paris: **Esprit**, v.1, n1., p.58-81, 1996. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/jacques-donzelot/l-avenir-du-social-10447>. Acesso em: 19 out. 2019.
- DONZELOT, Jacques; ESTEBE, Philippe. **L’état animateur: essai sur la politique de la ville**. Paris: Esprit, Paris, 1991.
- DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de Pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4177/4096>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, p. 84-99, 1986.
- FERREIRA, Jonatas. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 44, p. 103-117, out. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 dez. 2019.
- FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- FREHSE, Fraya; O’DONNELL, Julia G. Apresentação: quando espaços e tempos revelam cidades. Dossiê – pensar a cidade (no Brasil): espaços e tempos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 31, n. 1, jan./apr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702019000100001. Acesso em: 29 set. 2019.
- FREHSE, Fraya. U-topias (urbanas) do pensamento sociológico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 75, p. 191-206, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 out. 2019.
- FROEHLICH, José Marcos; BRAIDA, Celso Reni. Antinomias pós-modernas sobre a natureza.

- História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 627-641, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n3/04.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- GAUJELAC, Vicent de; LEÓNETTI, Isabele Taboada. **La lutte des places: insertion et désinsertion**. Paris: Desclée Brou, 1994.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **Modernity and self-identity**. Cambridge: Polity, 1991.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1991.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo (Org.). **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-275.
- GOMES, Renato Cordeiro. A cidade moderna e suas derivas pós-modernas. **Semear** (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 04, p. 29-37, 2000. Disponível em: http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/4Sem_03.html. Acesso em: 05 nov. 2019.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; PINHEIRO, Eloísa Petti. **A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. 1 Edição, Salvador: EDUFBA, 2005.
- GROSGOUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones desco-loniales: una breve introducción. **Tabula Rasa**, Bogotá - Colômbia, n.9, p. 29-37, jul./dic. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/396/39600903.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- HAESBAERT, Rogério. Dilemas de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.) **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 95-120.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HARTOG, François. Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente. **História da historiografia**, n. 10, 2012, p. 351-371. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/478>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- HOBBSBAWM, Eric. From Social History to the History of Society. **Dadalus**, v. 100, n. 1, p. 20-45, 1971. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/0c3e/e8ec2ff3b9e16bdabf041864b50d3857f951.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.
- HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JACOBI, Pedro. Exclusão urbana e lutas pelo direito à moradia. **Espaço & Debates**, São Paulo, n, 7, p. 53-69, out./dez. 1982. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/web/index.php?r=paginaasartigo%2Fviewpagina&numeroPagina=22&artigo_id=39. Acesso em: 22 out. 2019.
- JACOBI, Pedro; NUNES, Edison. Movimentos populares urbanos, participação e democracia. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, n. 2, p. 25-62, 1983.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: [s.e.], 1997.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria Dias; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p.31-46. Disponível em: <http://books.scielo.org/>

- id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf. Acesso em: 02 nov. 2019.
- KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil – fotografias de Antônio Saggese. São Paulo: Editora 34, 2009.
- KOWARICK, Lúcio. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil: Estados Unidos, França e Brasil. **RBCS**, v. 18, n. 51, fev. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15986.pdf>. Acesso em: 09 out. 2019.
- KOWARICK, Lúcio. Lutas urbanas e movimentos populares: alguns pontos para reflexão. **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 8, jan./abr. p. 55-63, 1983.
- KOWARICK, Lúcio; BRANT, Vinicius Caldeira (Orgs.). **São Paulo 1975**: crescimento e pobreza. São Paulo: Loyola, 1976.
- KUSTER, Eliana. O tédio dos olhares sem alma: algumas considerações sobre a indiferença, o desejo e o papel do cinema no cotidiano das metrópoles. *In*: PECHMAN, Robert M.; KUSTER, Eliana. **O chamado da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 47-58.
- LASH, Scott. Aesthetic reflexive modernization: the aesthetic dimension. **Theory, Culture and Society**, v. 10, n. 1, p. 1-24, 1993.
- LASH, Scott. Reflexive and its doubles: structure, aesthetics, community. *In*: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (Ed.). **Reflexive modernization**: politics, tradition and aesthetics in the modern social order. Stanford: Stanford University Press, 1994, p. 110-173.
- LASH, Scott; FRIEDMAN, Jonathan. **Sociology of post modernity**. London: Routledge, 1990.
- LATOUR, Bruno. Is re-modernization occurring – and if so, how to prove it? A commentary on Ulrich Beck. **Theory, Culture and Society**, v. 20, n. 2, p. 35-48, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/026327640302000202>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville**. Paris: Antropos, 1968.
- LEFEBVRE, Henri. **Du rural à l'urbain**. Paris: Antropos, 1970a.
- LEFEBVRE, Henri. **Le manifeste différentialiste**. Paris: Gallimard, 1970b.
- LEFEBVRE, Henri. **La révolution urbaine**. Paris: Antropos, 1970c.
- LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos tempos democráticos. Trad. Armando Braio Ara. Barueri (SP): Manole, 2005.
- LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- LOJKINE, Jean. **A classe operária em mutações**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1990.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARX, Karl. O Capital. **Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cartas filosóficas & O manifesto comunista de 1848**. São Paulo, SP: Editora Moraes, 1987b.
- MEIHY, Jose Carlos Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. *In*: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria Dias; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 85-98. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2k2mb/>

- pdf/ferreira-9788575412879.pdf. Acesso em: 02 jan. 2020.
- MEYER, Eugenia. Balanço e novos desafios. *In*: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria Dias; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 113-118. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Data de acesso: 02 nov. 2019.
- MOISÉS, José Álvaro; *et al.* **Cidade, povo e poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MOLES, Abraham. **Labyrinthes du vécu**. Paris: Klincksieck, 1984.
- MONTEIRO, Charles. Oficina do Historiador. Entre história urbana e história da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, p. 101-112. jan./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/11835/8320>. Acesso em: 02 dez. 2019.
- MONTLIBERT, Christian. **L'impossible autonomie de l'Architecte**. Sociologie de la production architecturale. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg et Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e experiência: contribuições de Edward P. Thompson à pesquisa em educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 329-349, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/issue/view/687>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- OFFE, Claus. **Trabalho e Sociedade**. Problemas estruturais e Perspectivas para o Futuro da "Sociedade do Trabalho". Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1989.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Estado, sociedade, movimentos e políticas públicas no limiar do século XXI**. Rio de Janeiro: Programa de investigação e comunicação, 1994.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 2002.
- OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.
- PARK, Robert Ezra. A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, p. 29-72.
- PARK, Robert Ezra. The City as a Social Laboratory. *In*: PARK, Robert Ezra. **Human Communities**. The City and Human Ecology. Glencoe: The Free Press, 1952.
- PARK, Robert Ezra. Human Migration and the Marginal Man. **American Journal of Sociology**, v. 33, n. 6, p. 48-71, 1928. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/86fc/3506ca5996e974c2ea5e5ab7bd3740b86d4c.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- PAUGAM, Serge. **La Société Française et ses Pauvres**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- PAUGAM, Serge. **La Disqualification Sociale: Essai sur la Nouvelle Pauvreté**. Paris: Presse Universitaires de France, 1991.
- PECHMAN, Robert Moses; KUSTER, Eliana. Também sem a feli(z) cidade se vive: um panorama dos encontros e desencontros pelas ruas da cidade contemporâneas. *In*: PECHMAN, Robert Moses; KUSTER, Eliana (Orgs.). **O chamado da cidade: ensaios sobre urbanidade**. Belo Horizonte: UFRJ, 2014, p. 80-105.
- PECHMAN, Robert Moses; RIBEIRO, Luis Cezar de Queiroz (Org.). **Cidade, Povo e Nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- PECHMAN, Robert Moses. (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 3-8.

- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários. Mulheres. Prisioneiros.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade.** O mundo dos excluídos no século XIX. São Paulo: Ed. Nacional, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito Além do Espaço: Por Uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 279-290, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2008/1147>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- PETITDEMANGE, Guy. Avant le monumental, les passages: Walter Benjamin. In: BAUDRILLARD, Jean (Org.). **Allin: Citoyenneté et Urbanité.** Paris: Éditions Picard, 1991, p. 17-28.
- PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia. In: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria Dias; FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 67-72. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil: 1890-1930.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras.** São Paulo, Boitempo, 2015.
- RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamariom; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história.** São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 185-202. Disponível em: http://grupodetrabalhoeorientacao.com.br/Virginia_Fontes/capitulos-livros/Historia-e-modelos.pdf. Acesso em: 02 jan. 2020.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social. **Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 2, apr./jun. 2004. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200020. Acesso em: 02 jan. 2020.
- RODRIGUES, Jaime. Da “Chaga Oculta” aos dormitórios suburbanos: notas sobre higiene e habitação operária na São Paulo de fins do século XIX. In: CORDEIRO, Simone Lucena (Org.). **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893).** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010, p. 73-95.
- ROLNIK, Raquel. São Paulo na virada do século: o espaço é político. **Espaço & Debates**, São Paulo, ano VI, n. 17, p. 44-53, 1986.
- RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires.** Paris: Gallimard, 1990
- ROSANVALLON, Pierre. **La nouvelle question sociale: repenser l'état providence.** Paris, Seuil, 1995.
- SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANCHIS, Isabelle de Paiva. Simmel e Goffman: uma comparação possível. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 856-872, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300008. Acesso em: 19 dez. 2019.
- SASSEN, Saskia. **The Global City.** New York, London, Tokyo. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 1991.
- SCHLESINGER, Arthur Meier. The City in American History. The Mississippi Valley. **Historical Review**, v. 27, n. 1, p. 43-66, jun. 1940. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1896571>. Acesso em: 02 jan. 2020.
- SCHLESINGER, Arthur Meier. The Rise of the City, 1878-1898 (Urban Life and Urban

- Landscape). **Hardcover**, Ohio, v. 1, n. 1, não paginado, aug. 1999.
- SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SCHWARZSTEIN, Dora. Desafios da história oral latino-americana. *In*: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria Dias; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p.99-104. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- SENNETT, Richard; THERNSTROM, Stephan. **Nineteenth-century Cities: Essays in the New Urban History**. New Haven and London: Yale University Press, 1969.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SHINN, Terry. Desencantamento da Modernidade e da pós-modernidade: Diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662008000100003>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- SILVA, Luís Octávio da. História urbana: uma revisão da literatura epistemológica em inglês. **Eure**, Santiago, v. 28, n. 83, p. 31-44, may 2002. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612002008300003. Acesso em: 17 nov. 2019.
- SOJA, Edward. O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA: virando Los Angeles pelo avesso. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria; SILVEIRA, Maria (orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1994, p. 154-168.
- SOUZA, Perci Coelho de. Uma crítica francesa acerca do espaço urbano. **Ser Social**, Brasília, n. 17, p. 59-112, jul/dez, 2005. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/issue/view/1196. Acesso em: 17 nov. 2019.
- TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. *In*: KOWARICK, Lúcio (Org.). **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: passado e presente. São Paulo: Paz e Terra/Cedec/ UNRISD, 1988. p. 247-283.
- TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert. Introdução. *In*: TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert. (Orgs.) **Nas tramas da cidade**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p.11-28.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward Palmer. **The poverty of theory and other essays**. London: Merlin, 1979.
- THOMPSON, Paul. The new oral History in France Paul Thompson. *In*: SAMUEL, Raphael (Ed.). **People's history and socialist theory**. London: Routledge, 1981, p. 67-78
- THONSOM, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. *In*: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Tania Maria Dias; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 47-66. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.
- TOPALOV, Christian. Fazer a história da pesquisa urbana: a experiência francesa desde 1965. **Revista Espaço & Debates**, São Paulo, n. 23, p. 5-29, 1988.
- TOURAINÉ, Alain. **A sociedade pós-industrial**. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VELHO, Gilberto. (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da Miséria**. Paris: Raisons d'Agir, 1999.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. *In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano***. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 89-112.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. Trad. Silvana Rubino. *In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença***. Campinas: Papirus, 2000. p. 80-103.

ZNANIECKI, Florian; THOMAS, William. **The polish peasant in Europe and America**, v. 1. Boston: University of Chicago Press, 1918. WIRTH,

Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. *In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano***. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 89-112.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. Trad. Silvana Rubino. *In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença***. Campinas: Papirus, 2000. p. 80-103.

ZNANIECKI, Florian; THOMAS, William. **The polish peasant in Europe and America**, v. 1. Boston: University of Chicago Press, 1918.